

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Alves, Frei Gregório de Protásio – O Aleijadinho e o Alferes Tiradentes. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1987. 67p.

Singelo e desprezencioso relato de uma excursão a algumas cidades históricas de Minas Gerais, nas quais observou sobretudo o esplendor da arquitetura, da escultura e da pintura barroca, expressão do período aurífero dos tempos coloniais. O autor dá ênfase à obra do Aleijadinho constante dos doze profetas que figuram no adro do Santuário de Congonhas do Campo, descrevendo-os numa linha muito semelhante à que foi desenvolvida pela Professora Isolde Venturelli, divulgada em primeira mão por esta revista, reproduzida em diversos órgãos de publicidade e finalmente ampliada para o livro **Profetas ou Conjurados?**, não citado pelo autor, mas certamente de seu conhecimento. ONM (Cortesia da Editora).

Boschi, Caio C. – O Barroco Mineiro: Artes e trabalho. São Paulo, Brasiliense, 1988. 78p (Col. “Tudo é História”, v. 123).

Parte o autor do princípio de que, apesar de tanto se ter escrito sobre o Barroco Mineiro, “vários são os pontos descurados pelos autores”. Alguns destes pontos vêm explicitados na introdução ao pequeno volume: “Tentar delinear as condições e a divisão social do trabalho, nas suas formas individualizadas ou coletivas, sejam elas respaldadas ou não por manifestações de solidariedade profissional; analisar a regulamentação das relações de trabalho na sociedade de então; buscar identificar quem e como se demanda o trabalho daqueles oficiais, animando e mantendo a vitalidade do consumo das artes nas Minas Coloniais; essas, as intenções (ou a pretensão) do texto que segue, ressalvadas a superficialidade com que a temática é nele tratada e as limitações próprias à coleção em que ele se inclui”. Pretensão, não. Limitações, é obvio, e a elas não se pode fugir. Louve-se a precisão do autor: difícil dizer tanto em tão pouco espaço. Livrinho que, de fato, vem enriquecer a bibliografia relativa ao Barroco Mineiro, a qual, com raras exceções, prima por caráter excessivamente repetitivo. Caio César Boschi traz algo de novo e isto, nos de hoje, é realmente gratificante. ONM (Cortesia do autor).

Cardoso, Ten Cel Alberto Mendes — Os treze momentos: análise da obra de Sun Tzu. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987. 158p. (Publ. n^o 564; Col. General Benício, v. 253).

Sun Tzu, chinês que viveu no quarto século antes de Cristo, deixou uma **Arte da Guerra** que, talvez seja o mais antigo trabalho sobre o assunto produzido no mundo. Os estudiosos chineses divergem a respeito da autoria deste texto. “Aspectos como o estilo literário, os termos empregados, os costumes mencionados na obra, a organização dos exércitos abordada, a tática descrita, a condução política da guerra, a referência a reinos inimigos, a identificação nominal do autor, o sistema agrícola vigente, a duração das guerras, o adestramento das tropas, os armamentos citados, a ausência do emprego da cavalaria e a concepção filosófica predominante, ora são argumentos para uma corrente, ora para outra”, diz o comentarista do autor chinês, numa de suas primeiras páginas. E conclui: “A opinião melhor justificada e, portanto, mais convincente permite-nos concluir que **A Arte da Guerra** é obra de um só autor — muito provavelmente chamado Sun Tzu —, que viveu na época dos ‘Reinos Combatentes’. Foi escrita em algum tempo entre 400 e 320 aC e não em torno de 500 aC, como foi inicialmente propagado no Ocidente, com base na afirmação de Ssu Ma Ch’ien, um dos comentaristas do mais antigo tratado militar. Sun Tzu teria sido comandante do exército do rei Holu, do Estado de Wu, no centro-leste da China, cuja capital seria a atual cidade de Wuchang, a oeste de Xangai”. O antiquíssimo texto de Sun Tzu só veio a se tornar conhecido no Ocidente em 1772, graças à versão de um missionário jesuíta que trabalhou em Pequim, o Padre Amiot, publicada em Paris. Neste volume, uma das mais recentes publicações da Bibliex, o Tenente-Coronel Alberto Mendes Cardoso faz uma profunda análise do precioso texto chinês (mostrando, inclusive, sua atualidade), seguindo-se a tradução integral do próprio escrito de Sun Tzu. Consta este de treze pequenos capítulos, que deram margem a sérias e conscientes meditações por parte do responsável pela primeira edição brasileira do antiquíssimo texto. Daí o título que lhe foi dado. ONM

Carneiro, Glauco — O Poder da Misericórdia: a Santa Casa na história de São Paulo. São Paulo, 1986. 2 vols.

Depois de biografar a tantas figuras expressivas e de grande participação na vida de São Paulo e do Brasil, decidiu-se o autor a “biografar” uma instituição, também expressiva e de grande

participação na vida de São Paulo e do Brasil. E fê-lo de maneira correta, estudando-a no contexto em que ela se insere, ou, mais precisamente, estudando esse próprio contexto. Eis porque boa parte de seu livro é consagrada ao estudo da cidade de São Paulo, para o qual valeu-se das mais seguras fontes. Não só a bibliografia existente, mas igualmente documentos inéditos ou pouco utilizados, o que dá ao livro um embasamento seguro, sem o qual, de fato, seu livro cairia no panegírico ou na preocupação louvaminheira de arrolar um a um todos os que tiveram qualquer participação na grande instituição que é a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Não. Glauco Carneiro fez história e história muito boa, com uma criteriosa triagem das fontes que teve a seu dispor. Não é fácil — reconheceu-o ele — estudar uma instituição de mais de quatro séculos, especialmente quando ela está, como no caso presente, tão ligada à vida da cidade. “A Santa Casa paulistana — diz Duflío Crispim Farina em frase citada pelo autor no pórtico do livro — “é o centro, a coluna vertebral de todo o evoluer da civilização paulista”. E em nota prévia, o autor lembra a genial concepção da Santa Casa, “fruto de uma simbiose perfeita entre as necessidades do serviço de Deus e das motivações da coroa portuguesa”. E em função deste dualismo — Deus e Coroa — o autor faz desenrolar toda a sua obra, indo buscar as origens das Santas Casas em Portugal. Cerca de cem páginas consagra ao estudo destas raízes da instituição, revelando um grande conhecimento da História Ibérica. Colocada a Santa Casa no Brasil — e em quase todas as Capitanias, logo no primeiro século — e em São Paulo, passa ela a ser um dos mais vigorosos esteios da organização política, social (e por que não econômica?) da colônia, um novo poder — o “Poder da Misericórdia” — a afirmar a garantia do equilíbrio do Estado no Brasil. Defendendo-se (como se precisasse) de não elaborar trabalho de pesquisa totalmente original, mas de consolidar o que tem sido escrito sobre a Santa Casa, revela, pertinentemente, que o estudo do “modelo” que levou à organização da Irmandade, desde os seus começos, em Portugal, oferece enfoques inéditos. E afirma, com toda a razão, que o livro traz contribuição nova para a discussão de três pontos pouco conhecidos da História da Misericórdia: 1. A fundação ou início da atuação em São Paulo; 2. A cobertura dos cem anos decorridos entre a mudança do hospital da Glória para o Arouche, e até a fase atual; e 3. A história da participação das elites paulistanas na Irmandade de Misericórdia. E adiante, esclarece: “Apesar do vulto da obra, nem de longe pretendemos ter esgotado o assunto. A Santa Casa é um mundo. Particularmente, para quem se dedica à assistência social e à medicina, a instituição ainda comporta várias novas pesquisas. Porém, no que se refere à ideologia que levou à formação da

Irmandade, pensamos estar dando um roteiro seguro para quem deseje ir mais em frente”. Divide-se a obra em quatro “livros”: 1. **O Poder** (com os capítulos: Portugal e a missão de Deus; O papel da Ordem de Cristo (pp. 3 a 26). 2. **A Misericórdia** (com os capítulos: A Irmandade de Lisboa; Os instituidores; O compromisso medieval; O pilar colonial da solidariedade; A primeira Misericórdia do Brasil; em anexo, Cronologia dos Hospitais das Santas Casas no Brasil; pp. 27 a 126). 3. **A Irmandade de Piratininga** (com os capítulos: O início na terra paulistana; Os bandeirantes da caridade; O primeiro hospital; A expansão no século XIX; A escalada da Glória; O hospital do Arouche; O Arcipreste Andrade; A era de Arnaldo; A Faculdade de Medicina; Hospital de Sangue; Escola de Enfermagem; A modernização; A Faculdade de Ciências Médicas; O humanista Mário Altenfelder, pp. 129 a 708; 4. **Da Misericórdia o poder** (com os capítulos: Santa Casa e evolução da Medicina; As elites na Misericórdia; pp. 709 a 899. O restante do segundo volume é precioso documentário. Indicações precisas das fontes e rico documentário fotográfico alicerçam fundamentalmente a obra. ONM (cortesia do autor).

Casarotto, Marcílio – Antônio Prado: 50 anos de presença marista. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1988. 94p.

Durante cinquenta anos, os maristas mantiveram um importante colégio na cidade gaúcha de Antônio Prado, numa das áreas mais expressivas da colonização italiana. O que este pequeno livro relata é a crônica não apenas do colégio, mas da presença marista naquela região do Rio Grande do Sul, sua obra missionária, seu pioneirismo na educação, sua influência cultural e social, com numerosos informes sobre as diversas etapas por que passou o educandário, até sua desativação, na década de 70. O volume traz apresentação de Dom Henrique Gelain, bispo emérito de Vacaria, e que, antes de elevado ao episcopado, dirigiu por vários anos a paróquia de Antônio Prado. Dali saiu para assumir a diocese de Cajazeiras, na Paraíba. Numerosas fotografias ilustram o volume, todas de interesse não só para a história do colégio, como da própria cidade de Antônio Prado. ONM (Cortesia da Editora)

Fonseca, Walter – Pequena Enciclopédia da Cidade de Juiz de Fora: gente, fatos e coisas. São Paulo, Ícone Editora, 1987. 127p.

Médico veterinário com brilhante folha de serviços na profissão, inclusive com valiosas obras científicas, a aposentadoria trouxe-o

para as lides históricas, com trabalhos publicados no campo da genealogia, da biografia e da memorialística. À sua bibliografia vem juntar-se esta **Pequena Enciclopédia da Cidade de Juiz de Fora**, que não é tão pequena assim, pois arrola cerca de novecentos verbetes sobre “gente, fatos e coisas” da grande cidade mineira, onde o autor viveu, estudou e constituiu família. Radicado em São Paulo há cerca de quarenta anos, membro atuante do Instituto Histórico e Geográfico, nunca esqueceu, contudo, a cidade onde passou a mocidade e que ainda visita com frequência. Mais ainda: interessou-se pela sua história, produzindo um livro original, que não conhecemos similar na bibliografia brasileira. Almir de Oliveira, jurista e historiador de grande renome, membro da Academia Mineira de Letras, soube apreciá-lo no prefácio: “É fruto de trabalho metódico, que o método é uma característica do autor. Resultou de pesquisa paciente e cuidadosa, conferida a cada passo. Obra prática, destinada a ajudar a localização de informações sobre pessoas, instituições e fatos relevantes sobre variados aspectos de Juiz de Fora. Um livro que, oferecido ao público, passará a figurar entre os auxiliares preciosos de quem busca informação. Material colhido em boas fontes e posto em boa ordem, o que facilita a consulta. Serve ao pesquisador, ao estudante e ao simples curioso de pessoas, fatos e instituições juizforanas”. E conclui: “Não se pode dizer que esteja completo. O autor sabe disto. Não há nenhuma enciclopédia completa, por mais rica seja de informações. A cada edição acrescem-se às enciclopédias e aos dicionários novos verbetes e se ampliam os já publicados. Certamente ocorrerá isto com as futuras edições desta obra, que se deverá ter no lugar em que situamos os livros de nossa consulta cotidiana”. Endereço do autor: rua Domingos Rodrigues, 636/203, São Paulo 05075.

História Econômica de Juiz de Fora: subsídios. Juiz de Fora, 1987. 92p.

Reúne este volume as palestras ministradas num curso promovido e levado a efeito em 1987 pelo Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, “efetivação de um antigo projeto do Instituto, sempre preocupado em fazer um consciente levantamento de nosso passado histórico”, informa Wilson de Lima Bastos, presidente do sodalício, na apresentação. Colaboraram no curso, e conseqüentemente no volume, além do próprio presidente do Instituto, expressivas figuras da vida cultural juizforana: Newton Barbosa de Castro, José Tostes de Alvarenga Filho, Almir de Oliveira e Wilson Cid, os quais abordaram temas com que se pode dar “u’a mostra tão precisa quão possível da história econômica de Juiz de Fora: comunicações,

história bancária, contribuição da imigração alemã à industrialização da cidade, imprensa e energia elétrica. Bonita apresentação, mostrando na capa três fotografias “históricas” e representativas de Juiz de Fora: um trecho da Estrada União e Indústria, a usina hidrelétrica, primeira da América do Sul e a sede da Indústria Têxtil Bernardo Mascarenhas, hoje transformada em espaço cultural. Significativo registrar que a publicação do presente volume foi possível pela iniciativa de Francisco Antônio de Mello Reis, professor de História, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, antigo prefeito da cidade e hoje Deputado Federal Constituinte. ONM (Cortesia do dr. Almir de Oliveira).

Lamounier, Maria Lúcia – Da escravidão ao trabalho livre: a lei de locação de serviços de 1879. Campinas, Papirus, 1988. 176p.

Estuda este volume o problema do trabalho no Brasil, livre e escravo, nos últimos anos da década de 70 do século passado, quando se chocavam os interesses daqueles que preconizavam um processo lento para a abolição e a adoção de uma legislação que garantisse o trabalho dos libertos e, de outro lado, os que, principalmente em São Paulo, propunham um programa de imigração subvencionada. A autora analisa a legislação adotada em 1879 (lei de locação de serviços), que “pode ser considerada, em seu grau de complexidade, a primeira tentativa de intervenção do governo brasileiro na organização das relações de trabalho livre na agricultura”. (Nota estampada em “D. O. Leitura”, de junho de 1988). Lembra a autora que a chamada “Lei Sinimbu”, de 1879, até agora tem ocupado “lugar apenas periférico” na maior parte do que se escreveu sobre o assunto. E após enumerar alguns dos autores que não deram ao problema a devida importância, centraliza praticamente nele o seu trabalho, preenchendo, assim, sensível lacuna na bibliografia relativa ao trabalho no Brasil. É gratificante, na época de hoje, quando aparece tanta “vigarice” no campo da História, encontrar um livro que traga realmente algo de novo. ONM (Cortesia da Editora).

Maciel, Cleber da Silva – Discriminações raciais: negros em Campinas, 1888-1921. Campinas, UNICAMP, 1987. 210p (Coleção “Tempo e Memória”, série “Campiniana”, v. 1).

Apresentado como dissertação de Mestrado na UNICAMP, em 1985, o livro em epígrafe inaugura uma série de livros inteiramente dedicada a Campinas, a “Campiniana”. Iniciativa do Centro de

Memória, que assim oferece o primeiro resultado da produção científica que se tem realizado sob o seu direto estímulo, a coleção vem atender a um velho desejo de intelectuais e instituições culturais da cidade, que por diversas vezes tentou torná-lo realidade. A transição do trabalho escravo para o trabalho livre, a integração do negro numa sociedade de classes e o processo da Abolição são analisados a partir do universo dos negros em Campinas, que o autor descreve de maneira viva e objetiva. Para tanto, passou dois anos em Campinas pesquisando em fontes primárias e entrevistando membros da comunidade negra, cujo depoimento esclareceu pontos mais obscuros e controvertidos da pesquisa. O momento histórico é marcado pelo grande desenvolvimento e pelas transformações urbanas que a cidade sofre. Aí emergem os negros com seus problemas angustiantes de custo de vida, de moradia, de saúde e educação. A discriminação racial em nossa cidade é produzida em meio a contradições, cujos parâmetros são a louvação da mulatice, as dificuldades para um movimento cultural expressivo que se manifesta entre os negros, a repressão violenta da polícia, o esvaziamento ou diminuição acentuada no contingente da população negra local, que passa a dirigir-se para outras cidades após a Abolição, a consciência atenta dos negros à sua realidade, o seu grau de organização e reivindicação, as limitações gritantes de sua cidadania. No ano em que se comemora o centenário da Abolição, esta obra tem especial significado para o conhecimento do tema. (Nota de Gonçalves do Amaral, em "Correio Popular", 31-3-1988).

Spadaccia, José – Monografia histórica de Valinhos. Valinhos, 1988. 221p.

Apreciando livro anterior publicado pelo autor, também sobre Valinhos, assim se externou o saudoso Professor Francisco Ribeiro Sampaio, em carta que lhe foi dirigida e que o autor transcreveu neste volume: "Meu bom amigo. Você tem obrigação de continuar escrevendo suas memórias, a História de Valinhos, os pró-homens valinhenses e campineiros, os fatos a que assistiu e nos quais tomou parte... Continue, continue para o bem de Valinhos e dos seus leitores". Estimulado por pareceres deste jaez, decidiu-se o autor a continuar e de sua persistência resultou o volume que aqui se registra, contendo um pouco de tudo aquilo que Sampaio sugeria: memórias, reminiscências, testemunhos pessoais, numerosos "flashes" do passado valinhense, desde suas origens até a moderna industrialização, com o histórico, por exemplo, da Clark. Não pôde fugir o autor a um certo sentido de "anuário", inerente a trabalhos desta natureza, com informações talvez desnecessárias numa obra de História, mas que atenderam ao caráter informativo que o autor lhe quiz dar. ONM (Cortesia do autor).

Teixeira, Messias Gonçalves – Paulo Setúbal. Campinas, 1987. 114p.

Ao ser eleito para a Academia Campineira de Letras e Artes, em 1981, o saudoso Messias Gonçalves Teixeira, mestre consagrado e que deixou brilhante folha de serviços à causa da educação em Campinas e em São Paulo, teve o privilégio (segundo ele dizia) de ocupar a Cadeira que tinha por Patrono Paulo Setúbal. Como de praxe na vida acadêmica, teve Messias Gonçalves Teixeira de traçar o perfil de seu patrono e o fez de maneira muito feliz neste volume, que, infelizmente, nem chegou a ver publicado (ou pelo menos distribuído), por ter falecido menos de um mês antes. O grande mestre do romance histórico é evocado carinhosamente, mas o autor preferiu dar ênfase a outro livro do escritor de Tatuí, o que mais lhe tocou à sensibilidade, o **Confiteor**. E ao tratar de suas confissões, não pôde deixar de cuidar da conversão de Paulo Setúbal, por ele próprio narrado em seu grande livro. O volume traz prefácio do Dr. Samuel Lisman Baum, presidente da entidade à qual o livro foi dedicado. ONM (Cortesia da Família do Autor).

Venâncio, Renato Pinto – Ilegitimidade e concubinato no Brasil colonial: Rio de Janeiro e São Paulo. Apres. de Maria Luiza Marcílio. São Paulo, Cedhal, 1981 23p. (“Estudos Cedhal”, nº 1).

Apresentando este trabalho, informa a Professora Maria Luiza Marcílio que muitos dos “Estudos” do Cedhal (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina) versarão sobre pesquisas que venham sendo realizadas a níveis de mestrado ou doutorado. “O espaço que se lhes abre para exporem a divulgarem seus trabalhos, constitui preciosa ocasião de sistematização e de debates de suas hipóteses, dados, métodos, análises e reflexões, ainda em fase de elaboração. É a oportunidade ainda enriquecedora de ouvirem críticas, sugestões, indicações de rumos diversos daqueles que estão trilhando e de tornarem, enfim, mais amplas, as conquistas e desbravamentos que vão realizando, dentro de um direcionamento comum”. Acredita, ainda, a Professora M. L. Marcílio, que este “é um dos espaços que está faltando em nossa Universidade. Espaço que possibilite uma flexibilidade horizontal de projetos interdisciplinares, além de uma necessária espontaneidade, que uma comunicação intelectual minimamente criativa exige. Nele situa-se um dos anseios e uma das reivindicações mais constantes dos jovens pesquisadores de hoje”. Dentro deste espírito insere-se, assim, o primeiro volume de suas publicações, o que temos o prazer de registrar. Seu trabalho, informa o autor, é parte de sua monografia de mestrado, no

Departamento de História da Univ. de São Paulo, sob orientação da Professora Marcílio. Introdução; A Igreja e o Casamento; Características da ilegitimidade, são os tópicos do trabalho, seguidos de considerações finais e bibliografia. Numerosos gráficos ilustram a pesquisa, realizada, como o título o indica, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Um segundo volume da série vem de ser publicado e já se encontra devidamente registrado neste número, na transcrição, que fizemos, do prefácio que lhe apôs a Professora Maria Luiza Marcílio (p. 106), a quem devemos a gentileza da remessa das duas publicações do Cedhal. ONM

Zama, César – Os três grandes capitães da Antigüidade. Volume 1: Alexandre. Quarta edição. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987. 185 p. (Publ. nº 561; Col. General Benício, v. 250).

César Zama, escritor baiano (1837-1905) tornou-se conhecido por alguns livros de divulgação histórica acerca de personagens significativas da História Antiga: **Os três grandes oradores da Antigüidade** (Péricles, Demóstenes e Cícero), **Os três grandes capitães da Antigüidade** (Alexandre, César e Aníbal), **Os reis de Roma e Poetas e prosadores latinos**. Foi médico, serviu na Guerra do Paraguai, entrou na política e foi deputado, provincial e geral, no período que se estende de 1878 até a proclamação da República, com um pequeno intervalo de apenas dois anos. Implantado o novo regime, participou da Constituinte de 1890/91 e foi deputado à legislatura subsequente. Possuía excelente cultura humanística, conhecia bem os clássicos latinos, que lia com facilidade. Daí o interesse pelas figuras que estudou. Escritos em fins do século passado, seus livros só vieram a público no início do atual. Tanto que não figuram em Sacramento Blake que, dele, só arrola a tese de doutorado (1858) e alguns discursos parlamentares, um dos quais sobre a Questão Religiosa. De seus livros, o que se tornou mais conhecido foi **Os três grandes capitães da Antigüidade**, que alcançou quatro edições. O autor reconhece que não oferece nada de novo e original; apenas reproduz “na língua que falamos o que colhi do que outros escreveram antes de mim”. Levou-o à elaboração do livro o constatar que ninguém, no Brasil até então, havia se ocupado de qualquer um dos seus três “grandes capitães” e, menos ainda, “que ninguém os tenha reunido e comparado numa só obra”. O que, de fato, não deixa de ser uma originalidade do autor baiano. A Biblioteca do Exército dispôs-se a reeditar César Zama, mas em vez de fazê-lo num só volume, como nas edições anteriores, dividiu-o em dois, o primeiro, sobre Alexandre, publicado no ano passado e o

segundo, abrangendo César e Anibal, figurando na programação do corrente ano. Apresentando o volume, informa o responsável pela reedição que “em seu livro, o autor conta a História da Antigüidade, seus costumes, política, moral e ética, de forma amena e divertida. Nele afloram a natureza humana e os ingredientes sociais que tanto influem no desenrolar dos acontecimentos”. Aguardemos, pois, os outros dois “grandes capitães”. ONM

PERIÓDICOS

Ágora, ano 2, nº 6, dezembro de 1987. Assoc. de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. Número todo dedicado a José Honório Rodrigues. **Conteúdo**: Lembrança de José Honório Rodrigues (Walter F. Piazza); José Honório Rodrigues e o desenvolvimento da arquivística brasileira (Iaponan Soares); José Honório Rodrigues, o historiador combatente (J. S. Witter); José Honório Rodrigues e a Paraíba (José Octavio). (Cortesia do Editor).

Boletim de Geografia Teorética, vol. 16/17, nºs 31/34. Rio Claro, 1986/7. Volume especial, consagrado ao I Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado na cidade de Águas de São Pedro, de 5 a 10 de abril de 1987. Além de mesas-redondas sobre “Ensino universitário e Pós-Graduação em Geografia”, “Teoria e pesquisa em Geografia” e “A atuação do geógrafo como profissional” (que ocupam as primeiras 150 páginas do volume) apresenta este mais de 50 comunicações de geógrafos do Brasil e diversos países latino-americanos. (Cortesia da Editora).

Cuadernos Hispanoamericanos, 451/2, Enero/Febrero 1988. Volume especial sobre “Los negros en América”. **Conteúdo**: El negro en Iberoamérica (Nicomedes Santa Cruz); La tradición religiosa africana en la literatura afro-hispánica actual (Shirley Jackson); El regalo especial de la literatura (ídem); La (sín) tesis de una poesía antillana: Palés y Spengler (Anibal Gonzalez); Lo popular y lo culto en la poesía dominicana (Bruno Rosario Candelier); La emigración a Nueva York en el cuento puertorriqueño (Rafael Falcon); El tema del negro en el cuento puertorriqueño (ídem); El tráfico de esclavos en Chile en el siglo XVIII (Adela Dubinovsky); Música y comportamiento festivo de la población negra en Lima colonial (Juan Carlos Estenssoro Fuchs); La narrativa antiesclavista en Cuba (Salvador Bueno); “Cecilia Valdés”: el nacimiento de una novela antiesclavista (William Luis); Azúcar/poder/literatura (Antonio Benitez Rojo) De la plantación a la Plantación (ídem); Lenguaje, dinero, pan y sexo en “El bufo cubano” (Matias Montes Huidobro); El álbum de Domingo del Monte (Adriana Lewis Galanes); Las pérdidas “Elegías cubanas” de Rafael Matamoros y Téllez (Adriana Lewis Galanes/Rolando Hernandez-Morelli). Cortesia do Consulado Geral da Espanha, de São Paulo.

D. O. Leitura. Publicação cultural da Imprensa Oficial do Estado. Nºs 68 a 72, janeiro a maio. São Paulo, 1988. **Conteúdo**: Nº 68 (edição comemorativa do centenário da Abolição): Vida e morte de Zumbi dos Palmares (Décio Freitas); Quilombagem e Abolicionismo: divergências e convergências (Clóvis Moura);

José Bonifácio: o primeiro projeto (Raul de Andrada e Silva); O protesto do escravo e a abolição (Maria Helena Pereira Toledo Machado); Abolição ou mistificação? (Eduardo Maffei); Escravidão: violência e terror (Roberto Machado Carvalho); Resistência e candomblé (Diamantino Fernandes Trindade); Abolição e reforma agrária (Joaquim Nabuco); Aspectos jurídicos da Escravidão (Célio Debes); República, mas sem Abolição (Lycurgo de Castro Santos Filho); O Parlamento e a Abolição (Antônio Barreto do Amaral); 13 de maio, data revolucionária (Mário Maestri Filho); Fontes para a história da Abolição (Odilon Nogueira de Matos); "Quilombos, resistência ao escravismo" (Oracy Nogueira); "Escravo ou camponês? o protocampesinato negro nas Américas" (idem). Registro bibliográfico. Nº 69: Folclore do Recife, de ontem e de hoje (Mário Souto Maior); A rede de dormir e o "pão da terra" (Thekla Hartmann); Imigrantes italianos: o começo difícil (Lucy Maffei Hutter); Os primeiros mapas do Brasil (Rosemarie E. Horch); Horóscopo (Geraldo Pinto Rodrigues); A legislação do trabalho feminino no Brasil (Ângela Maria Carneiro Araújo); As ortografias que nos ameaçam (José Lara); Comentários e registros bibliográficos. Nº 70: Bandeirantes no Tapê: a guerra santa conta os paulistas (Júlio Ricardo Quevedo dos Santos e Getúlio Xavier Osório); Centenário em surdina: a história de uma anarquista (Miriam L. Moreira Leite); Dicionário de escritoras brasileiras (Nelly Novaes Coelho); O "perigo amarelo": japoneses no Brasil (Arlinda Rocha Nogueira); Sobre a tua grande face (Hilda Hilst); A cruz e a senzala: a Igreja no Brasil escravista (Mário Maestri); A literatura infanto-juvenil de Graciliano Ramos (Neide Medeiros Santos); As origens da Umbanda: mitos e ideologia (Liana Maria Salvia Trindade); Tecnologia indígena entre nós (Thekla Hartmann); Os tenentes também eram românticos (Rosa Maria Gusmão de Sampaio Torres); Registro bibliográfico. Nº 71: Menotti à beira do século (Israel Dias Novaes); A noite das vaias (Menotti Del Picchia); A primeira médica brasileira (Maria Regina Simões de Paula); Arte: especificidade e compromisso (João Batista B. de Brito); Literatura infantil em discussão (Hildiberto Barbosa Ficho); Entre a comédia das flores e a festa dos Palmares (Márcio Barbosa); Jorge Andrade revisitado (Marleine Paula); A procissão dos pobres (Rosa Ester Rossini); Os pais da História do Brasil esqueceram-se dos escravos (Mário Maestri); Leituras dialéticas (Oracy Nogueira); A "farra do boi" e o Direito (J. Nascimento Franco); Registro bibliográfico. Nº 72: A caçara paulista: minoria esquecida (Kilza Setti); Gilberto Freyre e o folclore (Mário Souto Maior); Monteiro Lobato: do trágico ao humorístico (Paulo Dantas); O gigante taciturno: Gastão Cruls (Elias Miguel Raide); A comédia do desenvolvimento (José Edilson de Amorim); Evolução (Machado de Assis; A liberdade do índio e a escravidão do negro (Décio Freitas); Quintal mágico (Ana Mae Barbosa); A lenda do milho (Altino Berthier Brasil); Índice dos números de junho de 86 a maio de 87; Registro Bibliográfico. Contactos: Imprensa Oficial do Estado, rua da Mooca, 1921 São Paulo 03103.

Geografia, vol. 12, nº 23. Rio Claro, abril de 1987. **Conteúdo:** A representação gráfica da informação geográfica (Márcia Maria Duarte dos Santos), Urbanização e política de desenvolvimento regional no Estado da Bahia (Barbara-Christine Nentwig Silva e Sylvio B. de Mello e Silva); Mudanças recentes na organização do espaço rural no litoral sergipano (José Alexandre F. Diniz, Vera L. Alves França e Lilian de Lins Wanderley); São Borja: transformações no espaço agropecuário; o processo de despecuarização (Meri Lourdes Bezzi e Lúcia Helena de Oliveira Girardi); O potencial turístico do litoral alagoano com base em seus ambientes naturais costeiros (Maria Hilde de Barros Goes);

Antecedentes para el estudio de la Geografía del futuro en Chile (Alfredo Sanchez Muñoz); notas e resenhas por Helmut Troppmair, Maria Eugênia Ferreira, Geraldo Müller, Antonio Christofolletti, Miguel Cezar Sanchez, Myriam Cecilia Rolim Prochnow, Maria Juraci Zani dos Santos, Pompeu Figureiredo de Carvalho, Aldomar Aranaldo Rueckert, João Francisco de Azevedo, Ana Tereza Cortez Moraes, Reinaldo José Bertini e Lígia Celoria Poltronieri (Cortesia da editora; contatos: Caixa postal 178, Rio Claro/SP, 13500).

Revista Brasileira de Estudos Políticos, nº 65. Univ. Fed. de Minas Gerais. Belo Horizonte, julho de 1987. **Conteúdo:** Reação oligárquica e avanço centralizador em Minas Gerais (Maria Efigênia Lage de Resende); Entidade de classe: mecanismos de pressão política (Evantina Pereira Vieira), Corporativismo, legislação sindical e política organizacional do trabalho em Minas Gerais, 1931/1939 (Carla Maria Junho Anastasia); PTB, Sindicato-Estado no Brasil: autonomia ou interdependência? (Lucília de Almeida Neves Delgado); Historiografia e movimento operário: o novo em questão (Eliana Regina de Freitas Dutra e Yonne de Souza Grossi); As diretrizes metropolitanas, a realidade colonial e as irmandades mineiras (Caio C. Boschi); A demanda do trivial: vestuário, alimentação e habitação (Beatriz Ricardina de Magalhães. (Cortesia da UFMG).

Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, nº 3. São Paulo, 1986/87. **Conteúdo:** A motivação matrimonial nos casamentos mistos de escravos (Eliana Goldschmidt); Alguns aspectos comparativos da cultura de livro em relação à Independência do Brasil e da América Inglesa (Nancy Naro); From Family Clans to Class Alliance: the Relationship of Social Structure to Economic Development in 19th Century São Paulo (Elizabeth Kuznesof); Subsídios para o estudo da emigração açoriana para o Brasil, 1836-1842 (Manuel J. Pinto dos Santos); Ditadura e democracia: o exemplo alemão (Michael Prinz); A violência na sociedade colonial: o crime no Rio de Janeiro no final do século XVIII (Corcino Medeiros dos Santos); Explicação narrativa e o problema dos construtos teóricos de narração (Jörn Rüsen); A correspondência consular no Arquivo dos Negócios Estrangeiros em Paris (Maria Beatriz Nizza da Silva); Entrevista com Mariano Pereira dos Santos, um ex-escravo de 122 anos (Marcia Graf); Resenhas; Comentário bibliográfico; Noticiário. (Cortesia da SBPH).

Revista de Ciências Sociais. Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987. Vol. 1, nº 2. **Conteúdo:** número todo consagrado ao tema "As mulheres e os novos espaços democráticos na América Latina", com colaboração de Juan Enrique Vega Patri, Maria Del Carmen Feijóo, Celi Regina Jardim Pinto, Maria Noemi Castilhos Brito, Piera Paola Oria, Marcelo Baquero Reis Prá, Maria Valéria Junho Pena, Sílvia Rodriguez Villamil, Graciela Saprizza, Elizabeth Souza Lobo, Julia Sílvia Guivant, Sueli Kofes, Cláudia Fonseca, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Ruth Corrêa Leite Cardoso. (Cortesia da UFRGS).

Testemunho, nº 3. Revista anual do Instituto Cultural Santo Tomás de Aquino, Juiz de Fora, 1987. **Conteúdo:** Por que ler Santo Tomás de Aquino hoje (Frei Pedro Secondi); A ética do advogado segundo São Tomás de Aquino e o Estatuto da OAB (Almir de Oliveira); Tannhäuser (Wilson de Lima Bastos); O Ouro do Reno (Noemi Teixeira Vieira); Aspectos éticos no prólogo da Tetralogia de Wagner (Mozart Geraldo Teixeira); O conteúdo filosófico e o teológico do "Anel do Nibelungo" de Richard Wagner (Franz J. Hochleitner); O Crepúsculo dos Deuses (Celina Viegas); É a arte uma ilusão? (Celina Ribeiro Mattar). Contactos: Rua Brás Bernardino, 73, Juiz de Fora, MG, 36013. (Cortesia do Instituto).